

A (des)informação dos gestores/as e professores/as em sexualidade e educação sexual-relato de uma experiência

Andreza Marques de Castro Leão

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Estado de São Paulo, Brasil. Departamento de Psicologia da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação Sexual. Fundação de Amparo do Estado de São Paulo - FAPESP. Processo n. 2013/224320. PDI- Processo 2414/002/14- PROPe/CDC
andrezaleao@fclar.unesp.br

Resumo

O presente estudo buscou conhecer a formação e informação dos gestores/as e professores/as em sexualidade, a fim de averiguar se havia uma demanda formativa por um curso abarcando estas temáticas. Participaram deste estudo, de cunho quali-quantitativo, gestores/as (diretores/as e vice-diretores/as) e docentes de um município do interior do Estado de São Paulo, Brasil, mais precisamente 40 profissionais que foram convidados/as a participar de um estudo respondendo a um questionário semifechado contendo 20 questões. O intuito deste instrumento era conhecer a sua formação e informação em sexualidade. Em linhas gerais, em várias perguntas sobre a trajetória de formação destes/as profissionais, contidas no questionário, ficou evidente a falta de formação em sexualidade e seus assuntos correlatos, denunciando a demanda formativa nesta área. Pensando nisso, foi elaborado e implementado um curso de formação em sexualidade voltado a estes/as profissionais buscando tratar diferentes assuntos, de maneira a instigar o repensar acerca da importância da educação sexual no entorno escolar. Os resultados obtidos até então mostram a sua mobilização à proposta de educação sexual ser implementada na escola em que atuam. Enfim, sabe-se que há muito a fazer pensando em contribuir na formação dos/as docentes em sexualidade, mas esta iniciativa ilustra que é preciso um olhar mais cuidadoso à formação inicial e continuada que está sendo oportunizada.

Palavras-chave: formação de professores/as; sexualidade; educação sexual; gestores/as.

Abstract

The present study aimed to know the training and guidance for managers and teachers in sexuality, in order to ascertain whether there was a demand for a training course covering these topics. The participants of this study of the qualitative and quantitative nature were managers and teachers of a municipality in the state of São Paulo, Brazil, more precisely 40 professionals who were invited to participate in a study by answering a questionnaire with semi-enclosed 20 questions. The purpose of this instrument was to know their training and information on sexuality. In general, in various questions about the trajectory of these professionals, contained in the questionnaire, it was evident the lack of training in sexuality and related issues, denouncing the training demand in this area. Considering this, it was developed and implemented a training course on sexuality for these professionals, which was conceived to treat different subjects in order to instigate in them a rethinking about the importance of sex education in the school environment. The results obtained so far show the mobilization of them in order to implement the proposed sex education in the school where they are working. Anyway, we know that there is much to do considering contributing in training of sexuality education, but this initiative shows that it necessary to provide more opportunities for initial and continuing education for these professionals.

Keywords: teacher training; sexuality; sex education; manager.

O contexto hodierno requer uma formação abrangente e diferenciada do/as seus/suas profissionais de maneira que desenvolvam as habilidades necessárias que o mercado de trabalho requer. Isso não é diferente quanto se trata do/a profissional da educação, mais precisamente, docente, haja vista que é cada vez mais notória a exigência que se tem pela qualificação deste/a profissional.

Com efeito, as transformações da contemporaneidade apontam que o/a professor/a precisa estar preparado/a para exercer diferentes papéis no contexto escolar, o que sinaliza que faz necessário ser um profissional polivalente e concatenado com estas transformações as quais apontam a necessidade de temas diversos serem tratados por ele/a na escola. No entanto, a grande questão é que formação tem sido oportunizada a este/a profissional de maneira a prepará-lo/a para atuar em meio a estas alterações.

Cabe inicialmente esclarecer que ‘formação do/a professor/a’ é tema de inúmeros trabalhos científicos, muitos dos quais apontam que é condição imprescindível para afiançar a qualidade do ensino, sobretudo no cenário atual. Contudo, este é um assunto que gera inúmeras polêmicas e divergências e que repercute quando se pensa no contexto educacional, sobretudo quando se pondera acerca do que se entende por formação. Como adverte Leão (2012), é preciso atentar para a definição de formação, o que se entende por este vocábulo, visto que é empregado de forma indiscriminada contribuindo para atenuar seu significado.

De acordo com Garcia (1999) a formação é compreendida como processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que ocorre como resultado de um processo de maturação interna e das experiências que adquire. Ela não se dá pela acumulação de conhecimento, sendo constituída pelo/a professor/a através de inúmeras relações que estabelece com o saber e com outras pessoas (Bandeira, 2006). Assim, a formação é compreendida como um processo e como tal não ocorre somente em um período, sendo que apenas se inicia na graduação, fase que corresponde à formação inicial.

A formação inicial é uma etapa essencial para instrumentalizar este/a profissional para a futura prática pedagógica no contexto de sala de aula, munindo dos conhecimentos primários que irão lhes dar o embasamento teórico para a atuação profissional (Leão, 2012). É nesta etapa que este profissional tem acesso a uma formação especializada centrada no domínio dos conteúdos (Garcia, 1999).

Sebastião (2005) ao discorrer sobre a formação inicial enfatiza que o alicerce teórico e prático é imprescindível à atuação pedagógica, precisamente quando se pensa em abarcar a sexualidade, um tema submerso em tabus e interditos. Para Leão (2012) é preciso que esta formação garanta um aprofundamento, ou pelo menos, uma aproximação com este tema de maneira que o/a docente saiba como abarcar este assunto.

Segundo Teixeira (2010, p. 317) a urgência da abordagem da sexualidade no contexto escolar conduz à necessidade de inscrevê-la nos currículos de formação inicial de professore/as. No dizer da autora “as escolas enquanto locais de eleição de projetos e programas neste domínio terão que possuir profissionais com formação adequada que, na sua ação, contemplem espaços de reflexão partilhada e de questionamento sobre sexualidade”.

Entretanto, as pesquisas tem evidenciado que a formação inicial não se proporciona o alicerce teórico necessário neste tema, pois é visto como assunto de cunho privado o qual não deve ser

abrangido de forma aberta no âmbito escolar e universitário (Leão, 2012). A falta de subsídios teóricos para o trabalho com este tema torna-se um problema para os/as futuros/as profissionais da educação, uma vez que esses assuntos aparecem com frequência nas salas de aula (Figueiró, 2006). Aliás, muitas das dificuldades relacionadas com a inserção da sexualidade nas escolas têm sua origem na formação inicial de professores/as (Leão, 2009; Leão & Ribeiro, 2013; Rossi, Freitas, Chagas, 2012).

Conforme problematiza Benites (2006), se a graduação deixa lacunas na formação docente, as consequências irão se refletir na prática pedagógica junto aos alunos e alunas, pois imperará o despreparo no trato da sexualidade e o emprego do conhecimento de senso comum, por conseguinte, os/as docentes estarão educando indivíduos com as mesmas dificuldades que eles/as.

Koerich (2007) denuncia que a ausência da abordagem deste tema pode ser nefasta para a formação de professores/as, porque se o curso que se propõe formar estes profissionais não sabe ou opta por não abordar este assunto, indaga-se como o/a futuro/a profissional saberá agir perante situações emergenciais do cotidiano escolar em que ele se faz presente.

Os cursos de graduação não dão a devida importância aos temas relacionados à sexualidade, demonstrando resistências a este assunto, como se fosse algo supérfluo de ser contemplado na grade curricular (Leão, 2012; Leão & Ribeiro, 2013). Como aponta Benites (2006), fazendo uma análise geral durante toda a trajetória da educação sexual no Brasil a abrangência da sexualidade ocorreu de maneira informal e isoladamente nas Instituições de Ensino Superior em escassos cursos. Este discurso serve para reforçar a compreensão da sexualidade como assunto secundário o qual não precisa ser abrangido no contexto educacional.

Refletindo sobre este cenário, Leão, Bedin e Ribeiro (2010) sinalizam que os cursos de formação inicial carecem de rever suas grades curriculares e inserir disciplinas relacionadas à sexualidade, para preparar o/as docentes para atuar com este tema. Nesta mesma linha de pensamento, Silva (2004) pondera que a formação inicial é uma etapa prioritária, sendo preciso garantir que os/as futuros/as profissionais sairão dos seus cursos aptos a atuarem com a educação sexual, de maneira que não seja preciso iniciar este processo na formação continuada, que deveria ser um *locus* para um aprimoramento da prática docente em relação ao seu trabalho, bem como, do trabalho desenvolvido relativo à temática sexual.

Todavia, devido a grande defasagem na inclusão das temáticas ligadas à educação sexual nos currículos oficiais da maioria das instituições de formação inicial de professores/as, apela-se, então, para a formação continuada, sendo que muitos/as professores/as que não tiveram acesso a estas discussões durante a graduação podem conhecer e aprofundar o tema através desta outra etapa formativa (Rossi, Freitas & Chagas, 2012).

A formação continuada diz respeito às ações, como cursos, estudos, reflexões, entre outros, voltados a aperfeiçoar a prática profissional docente (Figueiró, 2006). Os cursos de formação continuada podem habilitar o/as educadore/as a saberem como abordar os distintos temas de sexualidade com seus/suas aluno/as, considerando ser um assunto indispensável à formação e à informação do/as mesmo/as (Leão, Bedin & Ribeiro, 2010).

Contudo, geralmente tanto os/as professores/as quanto os/as gestores/as escolares têm dificuldades em falar sobre esse tema, justamente, devido à falta de formação, impossibilitando a implementação do trabalho de educação sexual. Por esta razão, Leão (2012) assinala que é preciso

que esta formação continuada envolva todos/as os/as profissionais da educação, entre estes os/as gestores/as escolares, de maneira que tenham uma formação peculiar neste assunto, que instigue a sensibilidade à necessidade da abrangência e implementação deste trabalho na escola.

Ressalta-se que a necessidade de abarcar os/as gestores/as na formação continuada em educação sexual advém do fato de que estes/as profissionais atuam como mediadores/as nas escolas, tendo diferentes e importantes atribuições, entre estas, estão envolvidos na construção de projetos, na administração, na constituição do currículo escolar, na implementação das discussões dos temas-transversais, entre estes, da educação sexual (Barros, Ribeiro & Quadrado, 2011). As citadas pesquisadoras alegam ainda que estes/as profissionais podem propiciar que discussões relacionadas a esse tema estejam presentes nas escolas, possibilitando espaços de interlocuções.

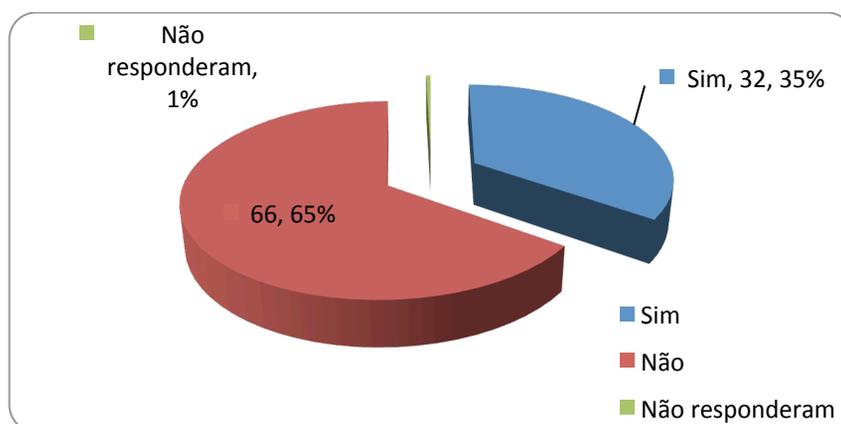
Enfim, o/a professor/a, apresenta uma função importante no cenário escolar, pois atua diretamente com os/as alunos/as, o que salienta a necessidade de que seja devidamente preparado/a para efetivar o trabalho de educação sexual (Leão, Bedin & Ribeiro, 2010). Com efeito, tanto o/a professor/a que atua no contexto de sala de aula, como o/a gestor/a, responsável pela gestão da escola, necessitam ter este preparo, para, entre outros, saber como realizar a implementação deste trabalho, haja vista a importância do mesmo para os/as alunos/as. Como enfatizam Silva (2004) e Koerich (2007) há a importância da sensibilização do/a gestor/a, bem como, do/a professor/a para que o trabalho de educação sexual possa ser efetivamente contemplado nas escolas.

Diante da diversidade de temas relativos à formação de professore/as, o presente estudo buscou conhecer a formação e informação do/as gestores/as e professores/as em sexualidade, a fim de averiguar se havia uma demanda formativa por um curso abarcando estas temáticas.

Participaram deste estudo, de cunho quali-quantitativo gestores/as (diretores/as e vice-diretores/as) e professores/as de um município do interior do estado de São Paulo, Brasil, mais precisamente 40 profissionais, que foram convidados a participar de um estudo respondendo a um questionário semifechado contendo 20 questões. Cabe reiterar que o intuito deste instrumento era conhecer as concepções dos/as participantes, isto é, investigar a sua formação e informação em sexualidade, sendo que será apresentado aqui apenas alguns dos dados obtidos no mesmo.

A primeira pergunta inquiria se os/as participantes já haviam recebido algum tipo de informação sobre sexualidade durante a graduação.

Gráfico 1- Informações de sexualidade



Fonte: Dados da pesquisa

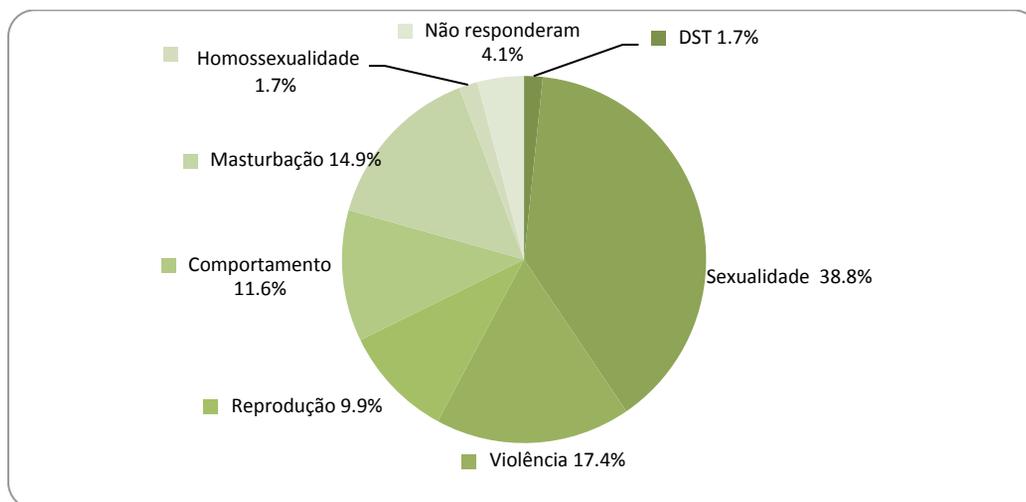
Os resultados apresentados no gráfico 1 revelam que a maioria dos/as participantes, 66,65% não recebeu nenhum tipo de informação a respeito de tal assunto na graduação. Estes resultados são similares ao obtido por Leão (2012) em seu estudo com professores/as universitários/as, no qual apontou que 60% não tiveram formação em sexualidade. Como a mencionada pesquisadora declara, este dado ilustra o que a literatura científica afirma, de que os/as professores/as não apresentam formação sobre este tema.

Considerando que a sexualidade é um assunto que está presente na escola requer que seja abordado na formação discente, de modo a sensibilizá-lo/a à necessidade de sua abrangência, bem como, prepará-lo/a para tanto (Leão & Ribeiro, 2013). No entanto, os autores problematizam que poucos cursos contemplam este tema em sua grade curricular. Tem-se como resultado da não abrangência deste assunto, profissionais que não sabem agir quando este tema surge no cotidiano de sala de aula.

Refletindo sobre este cenário, Leão (2012), discute que é preciso a inserção nas Instituições de Ensino Superior das temáticas da sexualidade, haja vista a necessidade de instrumentalizar os/as discentes visto que, inevitavelmente, se depararão com circunstâncias que terão de abordar este tema, sendo indispensável estarem aptos a saberem como o fazer de modo a não terem uma postura repressora, preconceituosa e conservadora. A despeito disso Silva (2004) afirma que sem uma formação eficaz os resultados esperados de práticas de abrangência da educação sexual será constituído por atitudes retrogradadas, cerceadoras, repressoras, que são exercidas fundamentadas nos valores pessoais de cada professor/a.

Em relação aos/às participantes que disseram que foram informados/as, os assuntos que referiram que foram tratados durante o curso de graduação estão apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2- Assuntos que foram tratados na graduação



Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se observar no Gráfico 2 que 32,35 % dos/as respondentes responderam que os assuntos foram: 38,8% sexualidade (desenvolvimento sexual e psicanálise); 17,4% violência sexual; 14,9% masturbação; 11,6% comportamento sexual (métodos de ensino, como lidar nas diversas situações, curiosidade e conhecimento); 9,9% reprodução (conhecimento do corpo, diferenças sexuais e órgãos genitais); e somente 1,7% Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Homossexualidade.

Percebe-se que não foi trabalhada a questão das brincadeiras e jogos sexuais, sexualidade e deficiências, conceitos em sexualidade, relações de gênero, diversidade sexual, enfim, inúmeros assuntos necessários à atuação docente.

Quando foram solicitados a explicar o que compreendem por estes assuntos, visto que segundo os/as participantes tiveram contato na graduação, eles/as não souberam explicar, e muitos/as pontuaram que não lembrava mais, o que evidencia que tiveram um contato superficial com estes temas, não possibilitando o alargamento da informação dos mesmos.

Considerando esta constatação, os/as participantes foram questionados se sentiram falta de informações de sexualidade na graduação, visto que a maioria disse que não tiveram esta formação. Os dados obtidos nesta questão estão expostos no gráfico 3.

Gráfico 3- Falta de informações de sexualidade na graduação



Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se no Gráfico 3 que a maioria dos/as participantes, isto é, 68% relatou que sentiu falta de informações de sexualidade, somente 27% disseram que não. Nas justificativas dos/as participantes a falta destas informações foi sentida quando foram confrontados com as perguntas e curiosidades dos/as alunos/as concernentes a este assunto e não souberam como responder, bem como, quando brincadeiras de cunho sexual se manifestaram em sala de aula e eles/as ficaram sem jeito de lidar com estas situações.

Em linhas gerais, em várias perguntas sobre a trajetória de formação destes/as profissionais contidas no questionário ficou evidente a falta de formação em sexualidade e seus assuntos correlatos, denunciando a demanda formativa nesta área. Pensando nisso, está sendo implementado um curso interventivo em sexualidade voltado a estes/as profissionais, visando instrumentalizá-los/as para o trabalho interventivo de educação sexual. É interessante mencionar que este curso de formação continuada foi acolhido pela secretaria municipal da citada cidade por perceber, sobretudo a partir dos resultados do questionário, a necessidade da abrangência deste tema.

Nas primeiras reuniões deste curso buscou-se desmistificar algumas percepções dos/as participantes sobre sexualidade, por exemplo, de que sexo é sinônimo de sexualidade ou de gênero, bem como, que falar de sexualidade instiga o interesse sexual precoce. Em linhas gerais o objetivo era provocar a revisão crítica dos participantes ao que compreendem por sexualidade, pois como refere Leão (2012), para tratar a educação sexual é preciso que eles/as saibam como a sexualidade

foi sendo construída histórica e culturalmente na sociedade em distintas épocas e momentos, para saber como abordar este assunto de forma científica, despida de valores impregnados do senso comum.

Os assuntos que nortearam este curso são decorrentes dos que demonstraram no questionário não ter informação, haja vista que a intenção do curso era atender esta demanda formativa do/as mesmos/as, visando instigar a reflexão sobre a necessidade do trabalho de educação sexual no contexto escolar. De fato, o intento foi de oferecer um curso presencial com momentos a distância, empregando para isso a plataforma *moodle*, de modo a propiciar um embasamento teórico em sexualidade.

Esta experiência formativa tem se mostrado efetiva, contando com a participação maciça dos/as gestores/as e professores/as e os resultados iniciais obtidos demonstram uma maior abertura para este trabalho nas escolas, sendo que vários/as dos/as participantes estão esboçando algumas iniciativas de tratar sexualidade nas escolas em que atuam. Sabe-se que é apenas o início, mas que tem apontado alguns caminhos e estratégias para envolver estes/as profissionais.

Considerações finais

A sexualidade deve ser um assunto tratado na formação de profissionais da educação, seja ela inicial ou continuada, de modo que possam perceber a necessidade de sua abrangência, assim como, instrumentalizados/as para saber como tratar este tema. Contudo, esta não é a realidade do cenário educacional brasileiro.

No que diz respeito à formação inicial, conforme apontam os/as professores/as e gestores/as que participaram do presente estudo, a maioria deles/as não tiveram contato com este tema na graduação mostrando a necessidade que apresentam da formação continuada neste tema.

Pensando nisso, foi elaborado e está sendo implementado um curso de formação em sexualidade voltado a estes/as profissionais buscando tratar diferentes assuntos de sexualidade, de maneira a instigar o repensar acerca da importância da educação sexual no entorno escolar. Os resultados obtidos até o presente momento mostram a mobilização dos/as mesmos/as à proposta de educação sexual ser implementada na escola em que atuam, apontando uma sensibilização à necessidade deste trabalho.

Sabe-se que há muito a fazer pensando em contribuir na formação dos/as profissionais da educação em sexualidade, mas esta iniciativa ilustra que é preciso um olhar mais cuidadoso a formação inicial e continuada que está sendo oportunizada aos/as docentes.

Bibliografia

- Bandeira, H.M. M. (2006). Formação de professores e prática reflexiva.
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt1/GT1_13_2006.PDF.
- Barros, S. C.; Ribeiro, P. R. C.; Quadrado, R. P. (2011). Sexualidade: olhares das equipes pedagógicas e diretivas. *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.2, p.179-203.
- Benites, M. J. O. (2006). *Educação sexual e formação docente: um estudo a partir de concepções discentes*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, Brasil.
- Figueiró, M. N. D. (2006). Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras.

- Garcia, C. M. (1999). Formação de professores: para uma mudança educativa. Porto. Porto Editora.
- Leão, A. M. C. (2012). A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência. Relatório de Pós-Doutorado (Sexologia e Educação Sexual), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, Brasil.
- Leão, A. M. C. & Ribeiro, P. R. M. (2013). Curso de formação inicial em sexualidade: relato de uma proposta interventiva. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 8, n. 3.
- Leão, A. M. C.; Bedin, C. R.; Ribeiro, P. R. M. (2010). Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 36 – 52.
- Koerich, M. C. T. (2007). *História de uma presença-ausente: sexualidade e gênero em currículos de Pedagogia*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Rossi, C. R.; Freitas, D. L.; Chagas, I. (2012). A formação continuada de professores(as) no Brasil e em Portugal: reflexões acerca da educação sexual nas instituições escolares. *Elo - Revista do Centro de formação Francisco de Holanda*, Guimarães, p. 35-40, jul. 2012.
- Sebastião, C. A. F. (2005). *Educação em sexualidade: um contributo para formação inicial de professores*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências), Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Silva, R. C. P. (2004). *Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- Teixeira, F. (2010). Educação em sexualidade e formação de professores. In.: Teixeira, F.; Martins, I.; Ribeiro, P.R.M.; Chagas, I. et. Al (org.). *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas educativas, investigação e práticas*. Universidade do Minho, Portugal, pp. 315-19.